



SEÇÃO TEMÁTICA



## **Eu sou heterotop? Isso é bom ou ruim?**

Uma reflexão sobre as masculinidades do BBB 22 e o convívio com a travesti Linn da Quebrada.

Danielle Ramos Brasiliense, *Universidade Federal do Rio de Janeiro*

---

Resumo. A 22<sup>a</sup>. edição do programa Big Brother Brasil problematiza entre os participantes a categoria do heterotop, um estigma dado a pessoas heterossexuais, em sua maioria do gênero masculino. A partir disso, ficamos diante da oportunidade de refletir sobre possíveis construções e desconstruções do gênero masculino, justamente quando os brothers entram no confinamento com a primeira travesti a participar do programa. O que nos leva a perceber possíveis conflitos entre esses dois mundos: dos que valorizam e reforçam a binaridade de gênero e dos que investem na sua desconstrução. O objetivo deste artigo é compreender alguns motivos pelos quais os homens num contexto recente, como mostrou o BBB, parecem temer a referência do heterotop, mas ao mesmo tempo, se dedicam a cultura heteronormativa reforçando a sua existência em comportamentos que marcam esse lugar de projeção da cultura viril. Iremos pensar também nas possibilidades de desconstrução da binaridade de gênero causadas pela presença de uma mulher travesti no programa.

**PALAVRAS-CHAVE.** *Big Brother. Heterotop. Travesti. Linn da Quebrada. Mídia.*

---



## Introdução

Nas chamadas do Big Brother Brasil no ano de 2022 a Rede Globo exibiu alguns vídeos de apresentação dos participantes da edição. Os homens falaram especialmente em defesa das suas condições de gênero. O participante Rodrigo Mussi, por exemplo, um rapaz branco de 36 anos, influenciador das redes sociais e gerente comercial de uma multinacional, argumentou: *“As pessoas que me vêem de longe acham que eu sou um heterotop, aquele cara padrão, mas eu não sou. Tenho uma história de vida incrível, sou uma pessoa que acordo para vencer”*. Outro brother, o jovem Lucas Bissoli faz a seguinte autodeclaração: *“Eu fiz um teste para saber que tipo de heterotop eu sou e vi que eu era um heterotop do bem”*. Já Gustavo Marcengo enfatizava: *“Eu sou hétero e sou top. O heterotop pintado hoje pela lacrolândia é uma pessoa branca, bem-sucedida e eu tenho orgulho de ser top no meu conceito”*. Tempos depois, já na convivência da casa, o participante Eliezer do Carmo demonstra a mesma preocupação com sua imagem ao ser questionado por outros participantes depois de beijar diferentes meninas nas festa da casa e diz: *“Tenho medo de ser visto como topzera”*.

Os termos *heterotop* e *topzera* ficaram em evidência nos meses em que o programa foi exibido e repercutiu em tons mistos de justificativas e afirmação entre os brothers. Interessa pensar a performance do homem heterossexual relacionada ao signo *top* que ganhou espaço na sociedade há alguns anos, sobretudo entre os jovens. Em princípio vale ressaltar que o termo da língua inglesa *top* se popularizou no Brasil quando começou a ser usado em assuntos relacionados a compras, viagens, para se referir a um tipo de consumo e ostentação, a algo possível de colocar alguém em destaque, cujo valor e fetiche seriam incontestáveis.

Em pesquisa ao Google Trends esse termo começa a viralizar a partir de 2017, especialmente nos estados do centro-oeste e sul do país. Há quase dez anos atrás, entre 2013 e 2015, estavam em evidência os *reis dos camarotes*, homens heterossexuais, que gastavam no mínimo cinquenta mil reais em uma noite de festa e se exaltavam pela quantidade de mulheres que seduziam numa noite. Tudo o que consumiam era considerado top. A festa, o carro, o celular, a bebida, tudo era top, top de linha, o melhor, o benquisto, o favorável.

Percebe-se que de 2016 a 2022 entre os termos *rei do camarote* e *heterotop*, o *rei do camarote* teve uso principal de buscas até o final de



2019, depois disso, *heterotop* se tornou o termo mais relevante, tendo um pico de procura maior entre janeiro de 2021 e 2022. O termo se popularizou e virou uma gíria. Já em 2019 o famoso Padre Fábio de Melo desabafou em seu twitter: "não bastando o uso da famigerada expressão top, algumas pessoas evoluíram-na para topzera. Não temos um dia de sossego".

Podemos compreender, portanto, que há uma passagem significativa entre os termos que partem da mesma categoria, estar no topo, ser top a partir das atividades de consumo, principalmente. Mas embora esses termos estejam relacionados ao mundo da ostentação, ou a ideia de um superconsumo, o que mais nos chama atenção aqui é o fato de que os reis dos camarotes ou *heterotops* são sujeitos declaradamente heterossexuais, em sua maioria de pessoas brancas e que apenas por esta condição podem ser considerados o topo do privilégio social.

Para além da questão da denominação do termo top para produtos de consumo, inclusive linguístico no que diz respeito a popularização deste como uma gíria, qualquer pessoa que se diz heterossexual poderia ser considerado um *heterotop*, por performar numa condição heteronormativa cis gênero evidentemente aceita socialmente, indiscriminada e valorizada por uma visão binária hegemônica e não inclusiva dos demais gêneros. Mas o *heterotop* ganhou um estigma sobre um tipo específico de heteronormatividade que carrega a performance de uma masculinidade viril marcada por machismo, misoginia e homofobia. O homem *heterotop* tem em sua referência social características que reforçam a sua masculinidade através dessa ostentação, o que causa em outras categorias de gênero uma necessidade de apontamento e estigmatização do hetero que se diz top.

As falas identitárias dos BBBs sobre *heterotop* nos chamam atenção por alguns motivos, dentre eles: a importância e a ênfase dada à emissora de TV a depoimentos, que foram pautados em entrevista pelo próprio programa para produção dos vídeos, o que demonstra a existência de interesse geral pelo tema e por isso, a necessidade de explorá-lo. Programas com tamanha abrangência nacional, como é o caso do Big Brother, trazem para a TV um raio X daquilo que está sendo comunicado entre o seu público e o que irá causar polêmica e debates suficientes para garantir sua audiência. Não há dúvidas que o Big Brother é um programa popular de grande potência, que se mantém vivo há mais de 20 anos, e que portanto é um produto de comunicação que



tanto reforça como também ressignifica as normas sociais que fazem parte da nossa cultura e que atravessam os fluxos discursivos do nosso cotidiano. Há de se considerar que o uso dessa temática pelo programa serve para legitimar a existente desigualdade de gênero, como mola para disseminar discussões nas redes sociais, criar agenciamentos sobre assuntos polêmicos como as relações entre heterossexuais e travestis em prol de maior audiência. Sabemos da importância de olhar os processos midiáticos e seu papel de promover uma manutenção discursiva sobre as desigualdades com seu poder ambíguo de reforçar normas sociais (Miskolci, 2021).

O mais importante para nós aqui é compreender que estas exposições das performances masculinas sobre o *heterotop* trazem para a sociedade possíveis construções e desconstruções de gênero. (BUTLER, 2020). Não é à toa que a exploração da temática sobre o *heterotop* nos discursos masculinos dos participantes do programa é atravessada pela primeira participação de uma travesti, a cantora e atriz Linn da Quebrada, que declara no seu vídeo: “*Sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse. Nem sou homem, nem sou mulher, sou travesti*”. A entrada da Linn gerou embates discursivos e desconfortos sobre as performances de gênero de todos os participantes que, por serem obrigados a conviver com uma diferença de gênero, são provocados prontamente pela temática da não binaridade. Levando em conta, principalmente, que todos estão dentro de uma casa prontos para usarem suas máscaras e atuarem de forma aceitável ao público que os assiste para a corrida de um valioso prêmio (CAMPANELLA, 2012).

Podemos dizer também que o enquadramento da temática do *heterotop* se dá pelo fato de estarmos diante de uma crise generalizada da masculinidade heteronormativa (AMBRA, 2021). Conforme observou Sócrates Nolasco (1993) em suas obras, há uma pressão pelas mudanças a respeito da existência da masculinidade em princípio pelo feminismo e consequentemente pelas outras existências de gênero que fogem a este modelo pensado e afirmado pela sociedade de modo geral como hegemônico. Partimos então, da ideia de crise por compreender a importância dessas mudanças sociais e culturais pelas transformações dos papéis de gênero quando os homens em sua posição de poder dominante patriarcal tradicional, com privilégios de recursos políticos, sociais e econômicos (CONNEL, 1995), são obrigados a quebrar seus paradigmas frente aos movimentos de democratização sexual (FASSIN, 2019).



A partir dessas hipóteses descritas, pretende-se compreender que, por conta da ampliação das discussões de gênero que se deram nos últimos anos em campanhas contra violência, falas públicas nas redes sociais com relatos e depoimentos da comunidade LGBTQIA+, dentre outras movimentações, esta questão esteja sendo cada vez mais discutida midiaticamente, gerando conseqüentemente um questionamento para as pessoas que hoje expõem suas condições privilegiadas de gênero binário heterossexual e não desejam ser estigmatizadas por um termo como *heterotop*. Digo isso, especialmente sobre o público masculino que vem sendo pressionado a pensar o seu lugar social e os comportamentos dados pela cultura do patriarcado (AMBRA, 2021). Assim, podemos dizer que os estigmas da heterossexualidade se mostram em crise ao se depararem com as contradições criadas pela consciência da existência das múltiplas possibilidades de gênero.

Ora, por conta dessas situações as perguntas que nos fazem pensar neste trabalho são: que tipos de constrangimento estão passando os homens a ponto de ser uma pauta importante no BBB? Por que heterossexuais do gênero masculino estão preocupados com suas imagens ao se autodenominarem machos *heterotops* ou justificarem suas performances de gênero? O que os incomoda ou pelo que não querem ser julgados? E por outro lado, para que reafirmar o orgulho de ser o que já são se sempre estiveram no topo heteronormativo hegemônico? A ideia é problematizar questões que já vêm sendo investigadas há alguns anos sobre a cultura da masculinidade e as proporções que esta ganhou historicamente, assim como seus processos de transformação na nossa sociedade.

Mostra-se necessário compreender que, embora se beneficiem, os homens também são afetados negativamente por políticas de gênero machistas. Existem custos para se manter no "topo" e o topo é sempre um lugar que guarda prejuízos. Assim, minha sugestão não é um olhar mais compassivo aos homens, mas, em outro sentido, perceber que tais efeitos, que recaem sobre homens, mulheres e outros sujeitos fazem parte de um mesmo sistema que produz normas (e violências) de gênero. (AMBRA, 2021, p.35)

Seguimos aqui com a mesma preocupação do Psicanalista Pedro Ambra, citado acima, pois entendemos que precisamos cada vez mais falar sobre a cultura da virilidade heteronormativa que produz, sobretudo, violência de gêneros como o feminicídio e os crimes de homofobia e transfobia, práticas com índices estatísticos expressivos hoje no Brasil. De janeiro a agosto de 2021, foram registrados oficialmente, pelo Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+, 207



mortes violentas na comunidade em geral, sendo 171 homicídios, 18 suicídios, 16 latrocínios e 2 por overdose. Por conta disso, se torna urgente mapear as construções narrativo/midiáticas e as normatizações discursivas que montam quadros representativos de uma categoria de gênero binária e embranquecida. E não é à toa que a partir da ampla divulgação desses números e todos os discursos construídos a partir de uma luta contra a homofobia, transfobia, o machismo e a misoginia, que começamos a perceber o incômodo de pessoas que se declaram heterossexuais, especialmente homens.

Reconhecemos a condição de sujeitos precarizados (BUTLER, 2019) como as mulheres, negros, imigrantes e a população LGBTQIA+ que vive à margem da sociedade, privada de direitos, e, portanto, mais exposta à morte. Torna-se ainda mais urgente produzir conhecimentos sobre gênero quando pensamos nesta condição de precarização da vida. Nesse sentido, o Big Brother Brasil de 2022 é um produto midiático fértil para voltarmos o nosso olhar para essa configuração de performances de gênero, na qual se encontram confinados, no mesmo espaço, durante três meses, homens heterossexuais em convivência com uma travesti. Linn da Quebrada disse na chamada televisiva de propaganda da edição do BBB antes da sua entrada na casa: “*Eu não canto para ser cantora, eu canto para ser ouvida*”. Diante da propaganda que Lina fez de si mesma como cantora, de sua trajetória e suas letras musicais, entendemos que ela teve a intenção não apenas de ser uma simples participante de um reality para ganhar um prêmio, mas para além disso, ser ouvida, percebida.

Para aprofundar essas questões torna-se essencial pensar na encruzilhada apresentada neste artigo: por um lado, existem produções narrativas nas quais podemos perceber um esforço discursivo conservador em propagar a manutenção da ordem binária, sob a ideia de uma única existência possível de gênero masculino, como no caso do Gustavo ao se declarar hetero e top. E, por outro, há também uma necessidade de negação à ideia de se enquadrar no estereótipo do *heterotop*, como podemos perceber na fala do participante Lucas, numa defesa e preocupação em não se adequar ao termo top, pois ele não queria ser considerado um *heterotop* estigmatizado diante das críticas sociais, especialmente por parte de uma militância de gênero, sobre performar uma condição masculinizada, pela qual ele estaria conectado a cultura machista, violenta, misógina, homofóbica e transfóbica. Então, ele diz que apesar de ser homem hetero, se enquadra mais no perfil de



um hetero legal, do bem e que, portanto, não seria conivente com tais coisas. O *heterotop* também está diretamente conectado à ideia de ostentação que pode significar futilidade ou também a fama de pegador, que falta com compromisso amoroso ou responsabilidade afetiva.

Lucas Bissoli e os outros participantes se opõem indiretamente à fala do Gustavo, que constrói a sua imagem a partir do orgulho que sente em ser *heterotop*. Embora Gustavo amenize a ideia do que é ser um *heterotop*, considerado por ele apenas ser social ou profissionalmente bem-sucedido, com méritos de um homem que está no topo, devemos lembrar que esta é uma condição social e cultural de um lugar privilegiado que dá aos homens héteros, brancos e não pobres o poder psíquico de dominar, subjugar e violentar outros gêneros que não sejam os masculinos tal qual a estrutura patriarcal considera.

Para pensar essa crise ou a discussão sobre a heterossexualidade, exclusivamente masculina, vale considerar que as experiências narrativas sobre as teorias de gênero transmitidas por diversos pesquisadores, especialmente por Judith Butler e Paul Preciado, como maiores referências nos últimos tempos, ampliam os estudos sobre a condição de gênero binário apresentando a contrapartida do pensamento queer.<sup>1</sup> Ao mesmo tempo em que essas falas foram tomando espaço, vimos também um aumento dos discursos conservadores de afirmação da binaridade de gênero, afetados por não perderem esse lugar consagrado historicamente. Conseqüentemente, surgem cada vez mais narrativas de violência e eliminação do outro, pela falta de aceitação e compreensão das diversas possibilidades de vivência dos corpos. Mas, em contrapartida, a exacerbação de posicionamentos heteros, especialmente aqueles que reforçam as masculinidades heteronormativas, nos coloca diante de uma nova onda afirmativa: a heteronormatividade tentando justificar sua própria existência.

Consideramos importante pensar exatamente o lugar de choque, de cruzamentos narrativos, a zona do meio da encruzilhada (MARTINS, 2003; RUFINO, 2019), que diz respeito à luta discursiva/perfomática pelas mudanças ou permanências no sistema tradicional de gênero. Analisaremos sobretudo esses discursos na encruzilhada. A proposta metodológica parte da organização do pensamento de Michel Foucault sobre práticas de produção dos discursos (FOUCAULT, 2002), normas e saberes, especialmente sobre a sexualidade. A partir da observação e análise de discurso, iremos entender como determinadas estratégias enunciativas, utilizadas na produção/edição do programa, contribuem



para um processo de afirmação ou desconstrução da performance heteronormativa. Este método será usado para identificar os embates e as contradições que surgem com o debate sobre a indeterminação dos gêneros. Não será feita aqui nenhuma comparação com outras edições do Big Brother Brasil, pois o objetivo é se concentrar neste tempo histórico específico, no qual estão sendo produzidos discursos de subversão. Entendemos que esta edição do ano de 2022 é fundamental para refletir as encruzilhadas de gênero que se dão neste tempo mais próximo do presente. Por isso, precisamos entender neste momento cronológico de nossa ampla e contínua pesquisa: como essas imagens/normas da binaridade dos gêneros vêm sendo subvertidas hoje? Que impactos já podemos perceber nas mudanças dessas referências da masculinidade, como no caso da rejeição ao que se denominou *heterotop*?

## **Isso é heterotop, disse a Linn da Quebrada.**

“*Você me acha heterotop?*”, pergunta Lucas Bissoli à participante travesti do BBB, Linn da Quebrada. Ela responde que sim. E ele reforça a pergunta espantado: “*Sério? Eu sou heterotop? Isso é positivo ou negativo?*”. E Linn reitera: “*Isso é heterotop*”. Esse diálogo entre Lina e Lucas deram mais força à pauta do que seria um heterotop. Iremos apresentar alguns vestígios históricos que nos orientam sobre esse termo.

A música viralizada no YouTube, no ano de 2010, por Suh Bombom Pimentinha, chamada *Top na balada: ‘Sou top, top na balada. Oh sai daqui oh recalçada. Se liga aí novinha toda recalçada. Tá se doendo e eu sou Top na balada’*. Esse registro do termo top demonstra um estado de rivalidade. A música revela um discurso de uma mulher que se considera top, predominantemente plena em sua posição, a uma outra mulher “novinha”, digamos, inexperiente, e que, portanto, tem um recalcado do lugar de quem é top. Trata-se de uma disputa. A música revela uma mulher se exaltando em relação a uma outra, por considerar ocupar um lugar invejável. Em 2013, a Revista Veja São Paulo fez uma matéria na época com um empresário que falava sobre os dez mandamentos dos *reis dos camarotes*. Neste vídeo ele dizia que para ser um deles deveria vestir roupas de grifes caras, andar em carros importados, como Ferraris. A proposta de estar em um camarote vai



além da vontade de ter conforto e exclusividade, é estar em evidência e ter glamour para se distinguir dos demais. A ideia, portanto, era influenciar pessoas a saírem da pista *onde apenas se é mais um* e se destacar, como dizia o empresário.

Nessa mesma época surgiu ainda o termo *agrega* entre os jovens brasileiros. Nessa entrevista o rei do camarote declara que o que agrega ao camarote, e conseqüentemente, a vida dele, é estar ao lado de celebridades para parecer uma pessoa importante, com certo reconhecimento social. Curiosamente a esta fase dos reis do camarote, em 2015, encontramos registros de uma onda que atingiu os homens heterossexuais que frequentavam boates e se permitiam viver coroados por bebidas caras e todas as vantagens de um ambiente vip, separado, consagrado pela ideia de estar no topo. No mesmo período, o comentário de Neymar Jr., o jogador de futebol e ídolo dos frequentadores dos camarotes *heterotops*, ficou em evidência nas redes sociais: “*Deus é TOP*”. Todos esses acontecimentos citados demonstram uma forte relação com a heteronormatividade ligada a ideia de superioridade, ostentação, competição, sucesso e reconhecimento.

Para pensarmos o sucesso do termo top no Brasil, é necessário tratar ainda a sua relação com o sistema de classe em que é empregado. Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em maio de 2021, as mulheres recebem 22,3% menos que os homens, diferença que cresce para 38,1% quando considerados apenas cargos de direção e gerência, ou seja, de maior rendimento. Mesmo desconsiderada a situação das pessoas trans, cuja esmagadora maioria sequer está inserida no mercado de trabalho formal, a análise deste dado nos permite concluir que o *heterotop*, como homem cisgênero heterossexual, ocupa não somente o lugar do opressor nas dinâmicas de gênero contemporâneas, mas também o topo da estrutura de classes vigente no sistema de produção capitalista.

Tomemos como exemplo, os Reis do Camarote e a Machoesphere, traçando um paralelo entre estes dois grupos torna-se evidente sua equivalência. Ambos concentram seu modo de operação sobre estratégias para a perpetuação de sua condição de superioridade sobre o outro, de seu status como dominante, o macho alfa, aquele que ocupa o topo de uma imaginária cadeia alimentar, que existe apenas enquanto objeto de desejo das fêmeas e cobiça de seus iguais. Estes são homens que buscam, seja através da ostentação de riquezas ou do resgate de ideais primitivos de masculinidade, objetos fálicos, símbolos



de potência aos quais possam agarrar-se para esconder a falta latente ocasionada pela perda de seu antigo papel social como aquele que, nos moldes do *Deus Top* de Neymar, proverá, perpetuando assim sua existência.

Em oposição às estratégias reacionárias desenvolvidas por esta vertente masculinista, os chamados *heterotops* "do bem", por sua vez, voltam-se à negação como forma de lidar com as mudanças em curso nos paradigmas de gênero. Analisemos um diálogo entre os brothers Lucas Bissoli e Pedro Scooby, no BBB 22, para compreender como isso infere sobre as dinâmicas de classe descritas acima. Após ser indicado ao oitavo paredão da temporada, sem chance de bate volta, por Lucas, líder da semana, Scooby ficou sentido e, fazendo menção a mensalidade de R\$ 5.438,00, equivalente a aproximadamente cinco salários-mínimos (2021), paga pelo estudante de medicina da Universidade de Vila Velha (UVV), disparou: *"Você se coloca no lugar de pobre coitado, como se você fosse o mais necessitado. Tu faz medicina em faculdade particular, coe, irmão."* E Lucas responde: *"Você não sabe o esforço que é feito lá em casa pra fazer isso. Não é porque a gente faz medicina que a gente é riquinho, playboy não. 20 mil não faz diferença pra você, mas pra mim faz"*. Scooby fica ainda mais irritado: *"Eu não sou playboy, sou zero playboy. (...), mas a diferença é que eu já não tive o que comer. Eu conquistei sozinho tudo o que quis na minha vida."*, concluiu o surfista de ondas gigantes.

A transcrição das cenas de atrito entre os participantes do programa evidencia um claro desconforto dos dois com o lugar de privilégio, que invariavelmente ocupam como homens cisgênero, brancos e heterossexuais em uma sociedade heteronormativa-colono-patriarcal, que encontra sua epígrafe no termo *playboy*. A expressão que popularizou-se na década de 1960, é utilizada para descrever o estilo de vida boêmio dos jovens ricos, que encontram em sua condição de "herdeiros" uma fuga do amadurecimento e tem como principal representante o *bon vivant* Hugh Hefner, fundador da *Playboy*, revista de entretenimento erótico destinada ao público masculino, conhecido por promover festas e orgias megalomaniacas em sua mansão, cujo legado está repleto de evidências de exploração de corpos femininos para enriquecimento pessoal.

Mas por que os *heterotops* "do bem" negam sua condição privilegiada? Acreditamos que sob a influência dos discursos dos movimentos LGBTQIA+, feministas e queers cada vez mais debatidos



publicamente, alguns homens estão se envergonhando da imagem primitiva do homem bruto, másculo e tentam se desvincular dela. Pois há uma consciência de que esse perfil de homens está nas rodas de críticas sociais, estigmatizado principalmente pela consciência de mulheres heterossexuais, e consequentemente, eles se percebem perdendo espaço, se tornando coadjuvantes das relações.

Mas, ao mesmo tempo que existe esse incômodo de consciência, há uma necessidade extrema de reforçar esse lugar do homem másculo tradicional, com sua potência hegemônica, como dissemos antes. Um documentário de 2020, visto no YouTube, chamado *'Alpha Men: A Journey into the Manosphere'*, fala sobre a crise pela qual a sociedade pós-moderna, ou pós-industrial, passa com a ascensão socioeconômica das mulheres nas últimas décadas e o rompimento dos padrões tradicionais de gênero que deste processo é consequente. Segundo o sociólogo Warren Farrell, autor do livro *'The Boy Crisis'* (2018), nos países desenvolvidos, as meninas superam os meninos em todos os quesitos acadêmicos, especialmente em leitura e escrita, principais determinantes para o sucesso profissional de um indivíduo ao longo de sua vida adulta. Além disso, a produção de esperma e o coeficiente de inteligência dos homens apresentaram uma redução de 15% no último século e o seu desempenho no mercado de trabalho também foi drasticamente afetado. No mesmo vídeo, Hanna Rosin, autora do livro *'The End of Men'*, vai registrar que, à época do documentário, as mulheres ocupavam 54% dos cargos de gerência nos EUA, a maior porcentagem da história do país até então, enquanto 20% dos homens estavam desempregados. O fenômeno marca a despedida de um mundo que outrora conhecemos, um mundo em que homens regiam a esfera pública com mãos de ferro e os papéis sociais desempenhados por cada gênero estavam enraizados no inconsciente coletivo, e, por conseguinte, o começo de uma nova era, com novas problemáticas a serem solucionadas.

Perdidos, portanto, os homens passam a buscar respostas em comunidades online, onde podem compartilhar suas experiências e ideais de masculinidade com outros homens, o que acaba levando ao resgate de características primitivas e criando movimentos de reafirmação dos ideais decadentes de masculinidade da sociedade patriarcal. Ainda segundo o documentário, um dos últimos mecanismos de defesa desse modelo social decadente e o maior empecilho ao desenvolvimento de novos papéis de gênero a serem desempenhados pelos homens na sociedade é a socialização afetiva das mulheres. No



sistema econômico pós-industrial, estas conquistaram sua autossuficiência mostrando-se capazes de cumprir por si só todos os papéis sociais anteriormente delegados aos homens. Contudo, ao optarem por construir uma família, as mulheres ainda procuram parceiros que ganhem tanto quanto ou mais do que elas, de forma que possam escolher entre participar ativamente do mercado de trabalho, exercer funções domésticas ou um meio termo entre os dois. Assim, os homens têm seu papel limitado à função de macho alfa provedor, de forma que aqueles que não podem se encaixar nesse arquétipo acabam relegados ao ostracismo. O que, como explica o documentário, impede o desenvolvimento de novos ideais de masculinidade e serve de alicerce para o resgate de posturas retrógradas em relação aos papéis de gênero desempenhados pelo homem.

Farrel (2018) argumenta ainda que o principal fator para o aumento do número de homens considerados disfuncionais na sociedade pós-industrial está na ausência de uma figura paterna durante a sua criação. Tal qual elaborado por ele, com a flexibilização da legislação matrimonial e a crescente emancipação em relação à figura patriarcal conquistada pelas mulheres ao longo dos anos. Os casamentos com filhos tiveram sua duração média reduzida a 3 anos e meio. Ao fim deste, as crianças passam a ter um contato mínimo ou inexistente com seus pais, o que acarreta uma série de disfunções comportamentais nestas crianças, especialmente nos meninos, que crescem sem um exemplo sólido de masculinidade. Ainda na esteira do documentário, reitera que tal fato contribuiria para que o homem contemporâneo se tornasse cada vez mais confuso e inseguro quanto a sua natureza, alavancando suas chances de cometer suicídio, se tornar portador de obesidade mórbida, depressivo ou desenvolver algum tipo de comportamento disfuncional, como o vício em drogas ou pornografia. Segundo mostra o vídeo, prova disto seria que, na Noruega, um dos países mais desenvolvidos do mundo, 2/3 das pessoas que cometem suicídio são do sexo masculino.

Ao mesmo tempo, sabemos também que homens de modo geral morrem e matam mais do que mulheres, pois se configurou em nossa cultura a ordem heteronormativa da agressividade, em que o gênero masculino não perde, não brocha, não chora, os homens são fortes, vencedores e no final ressentidos (BROWN, 2019) quando se compreendem vulneráveis pela própria construção social do que é ser um homem ou, quando percebem que os valores desta construção estão enfraquecidos pela valorização do feminino ou por outras perspectivas de gênero. Podemos entender que a hegemonia heteronormativa



ressentida não acaba com a normatividade opressora oprimem os homens, não produz novos valores sobre a masculinidade, tampouco cria possibilidades de vivenciar o gênero, ao contrário, enfatiza e supervaloriza as características brutas e viris enquanto eles percebem que estão perdendo espaço de valorização.

A desvalorização da potência masculina produz violência e discurso de ódio, que se esbarram entre perversidade e narcisismo. As masculinidades brancas heterossexuais destronadas são marcadas pela valorização da própria imagem que, sob a lógica narcisista no excesso do consumo do self, produz a exclusão do outro (BOURDIEU, 1998). É preciso construir investigações mais amplas sobre estas questões e pensar a desconstrução das masculinidades que vivem entre o mito e o fracasso.

Compreender a dinâmica a respeito da produção narcisista e perversa das masculinidades é essencial para pensar nas memórias e consequências da cultura patriarcal e seus privilégios sociais, especialmente quanto às violências aplicadas aos novos discursos de gênero produzidos por uma diversidade de corpos. Apenas entendendo como se processam tais discursos é que podemos complexificar e ressignificar os processos históricos sobre a masculinidade. *“O patriarcado não é um universal insuperável ou uma guerra eterna cujos soldados são distribuídos em exércitos baseados em sua genitália, mas apenas um modo temporário de organização social”* (AMBRA, 2021). Inclusive, quanto mais estudamos e colocamos em prática pesquisas sobre as questões de gênero nos certificamos de que os mitos históricos do patriarcado e do homem viril vão sendo cada vez mais questionados e desconstruídos. Por isso, precisamos identificar os fantasmas dessa cultura masculina, com raízes profundas no psiquismo social, para desmascará-los até que deixem de existir com suas potências assombrosas e violentas marcadas por assédios, estupros e assassinatos. Só assim iremos perceber que "ser homem" é um processo de transformação e não uma identidade fixada no tempo.

## **O BBB22 na encruzilhada de gênero.**

Vamos começar aqui destacando a participação excepcional de uma pessoa que se identificava como travesti nesta edição do Big Brother Brasil. Lina Pereira dos Santos, de 32 anos, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma mulher que há alguns anos ganhou o espaço do



público LGBTQIA+ com suas músicas de composições irreverentes e politizadas que se expandiram e acabaram por levá-la ao cinema e a TV, como programa TransMissão no Canal Brasil, apresentado ao lado de Jup do Bairro, disponível na Globo Play, que em 2021 levou Judith Butler para debater as questões de gênero.

A participação de Lina e suas possibilidades relacionais, inclusive pelo conflito, enfatiza a cultura estrutural masculinizada, abrindo uma janela de perspectivas de gênero aos participantes e ao público. Talvez por isso os vídeos dos participantes homens heterossexuais cis gêneros citados anteriormente são enfatizados pela direção, alguns já nas apresentações iniciais dos participantes, ou seja, antes mesmo do início do programa.

Nas primeiras 24h da edição 22 do Big Brother Brasil, o brother Rodrigo em conversa com seu colega de quarto solta essa fala: *“Oh Eli! Estou tentando dormir, mas estou lembrando do pinto do traveco que você ficou com medo.”* Imediatamente ele é repreendido por Vini, o único homem declaradamente gay do programa e pela BBB Maria: *“Traveco não! Isso não foi uma coisa legal.”* Rodrigo pede desculpas e diz que não sabia. Depois disso, Rodrigo não consegue dormir e tenta se explicar de novo: *“Cara, que ser humano incrível, bicho! É isso que tá me machucando, porque deve ter outros travestis, seres humanos incríveis, como ela que deve ter se sentido ofendido.”* Na manhã seguinte Rodrigo vai conversar com Lina:

Rodrigo: *“Ontem a gente estava brincando no quanto e... Vc não tem obrigação de me dar orientação nenhuma das coisas, mas às vezes eu me sinto necessário de se você por gentileza poderia me...porque assim, eu vivo numa bolha onde coisas são normais....”*

Lina: *“E coisas são anormais?”*

Rodrigo: *“Mas não podem mais ser aceitos como normal. Mas eu achava que era normal.”*

Lina: *“O normal ser normal?”*

Rodrigo: *“E eu falei uma palavra lá no quarto que o Vini me corrigiu, orientou: não é essa palavra, é a outra. Eu falei traveco e é travesti, não é?”*

Lina: *“É que o traveco tem esse lugar pejorativo, né?”*

Rodrigo: *“Mas eu não sabia.”*



Lina: *“Acho que a gente sabia, mas se torna um hábito de se referir.”*

Rodrigo: *“E ai, eu pensei, vou perguntar pra Lina se essa palavra - não quero ficar falando - é realmente agressiva.”*

Lina: *“Com certeza, você não sente quando você diz, que ela pode soar agressiva?”*

Rodrigo: *“É que não foi na intenção de denegrir a imagem de nada. Foi uma coisa que a história que o Eli contou, eu peguei de gancho, só que eu não falei travesti, eu falei...”*

Lina: *“Entendi. Eu acho que você mesmo sentindo que é uma palavra realmente ofensiva, porque ela realmente é, e acho que principalmente quando ela vem desse lugar "dos normais" para se referir a nós, é ofensivo. É realmente ofensivo. E daí é não usar essa palavra mais pra fazer isso. Acho que nem denegrir é legal. Porque denegrir tem a ver com negro, né?”*

Em análise ao diálogo acima, nota-se que o Rodrigo receia ser “cancelado” por sua fala. Este foi o primeiro conflito provocado por este cruzamento de visões de mundo e dele se extrai o revolvimento de performatividade de gênero daquele que ocupa a posição de homem, hetero e branco, instado pela alteridade da convivência com Lina que impõe. Também por ser demandando a pensar a partir do reconhecimento do seu lugar social, daquele que por si e por sua comunidade é considerado como normal, expõe quem, de sua visão de mundo, seria sua antítese, Lina. Do diálogo, a encruzilhada narrativa na qual o sistema binário de gênero exhibe suas contradições. Nela, um modelo de masculinidade é responsivo, ainda que por necessidade de manutenção de domínio e prestígio, revelando, pois, o mundo de desconstrução e permanência. Vale lembrar que enquanto os homens héteros do programa foram enaltecidos nas redes sociais e ganharam popularidade com os fãs, muitas violências foram direcionadas para Linn Da Quebrada, que atuava com um time jurídico para lidar com as agressões de gênero sofridas pelos comentários dos seguidores nas redes. Desrespeito ao pronome, ofensas, xingamentos e ameaças marcam a vida de Lina desde o momento em que não se identificou como uma pessoa heterossexual cis gênero, o que não seria diferente no reality, e isso, provavelmente já era imaginado tanto por ela, quanto pelo programa.

Enquanto homens héteros como Eli e Lucas demonstram



desconforto ao pensar em serem taxados como *heterotops*, a participante Lina sofre transfobia fora e dentro da casa. Lucas erra o pronome de Lina, se referindo a ela como se fosse homem e a chama junto com a Natália para dançar: “*Vem vocês dois!*” Lina fica irritada e pergunta: “*Vocês dois? Que vocês dois?*” A partir deste momento ocorre um enorme conflito na casa, na qual as relações de gênero e a cultura se expõem numa encruzilhada. Lina chora desapontada com o amigo, que tem boa convivência e parceria. Lucas em princípio minimiza o ocorrido e não vê problemas em sua fala, mas ao mesmo tempo, tenta pedir desculpas, que não são aceitas por Lina, que tem tatuado na sua testa o pronome ELA para que esse tipo de erro não aconteça. Neste cruzo narrativo a reação de Lina ao se sentir desrespeitada em sua escolha de gênero foi interpretada como vitimismo e “mimimi” por diversos seguidores do BBB nas redes que diziam:

*“Esse Linn conseguiu o VT da edição de hoje.”*

*“Essa Linn já está se vitimizando...”*

*“Acho supernormal isso acontecer, na minha opinião não é pra tanto...”*

*“Ela fez drama, tem que ter paciência e compreensão sim!”*

*“Nossa, muito Mi Mi Mi, ta doido!!! Pensei que era algo sério...Aff...as pessoas demoram pra acostumar com o diferente!!! Com exceção...deveriam ter um pouco mais de tolerância!!! Cruzes!!!”*

Momentos como esses exibidos no BBB e de significativas participações do público telespectador, se mostram como “*atravessamentos, rasuras, cisuras, contaminação, catalisação, bricolagem*” (RUFINO, 2019), onde se dá o processo de transgressão dos regimes de verdade mantidos pelas propostas de permanência, como o colonialismo, o conservadorismo, as condições raciais, e, portanto, também, a ideia de heteronormatividade. É o momento em que as narrativas se tocam num embate e pelas quais as ressignificações são possíveis e as permanências também insistem. O problema da cultura patriarcal reside na binaridade de gênero, pois os comentários demonstram que a questão da transfobia é uma condição de ignorância também, mas no sentido de vontade de ignorar, como uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2005).

Em “*A Ordem do Discurso*”, Foucault (2002) fala sobre a herança dos discursos de imposição de verdade e uma das categorias que



ele cria para pensá-los é a vontade de verdade, que se caracteriza pelo empenho social de manter, reforçar e tornar profundos e incontestáveis determinados valores. É uma camada discursiva mascarada pela própria categoria de verdade que, sob esta condição, nos impede de percebê-la, criticá-la e repensar os seus preceitos (FOUCAULT, 1996, p. 19). É por este viés que podemos perceber as narrativas padronizadas como a chamada machosfera quando valoriza o papel do sujeito ativo masculinizado e viril como desejo de verdade única e universal: “...só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e universal.” É a vontade de verdade, “como prodigiosa maquinaria” que controla e delimita os discursos, produz e cristaliza no senso comum as formas de narrar, com a criação de estereótipos que consagram valores conservadores.

O reconhecimento desta imagem do homem viril no outro, no seu espelho de macho branco, heterossexual, símbolo explorado por décadas pela cultura ocidental como "eu ideal" (FREUD, 1996) se encontra desmoralizada não só pelas críticas feministas, mas também pelas narrativas das novas condições de performatividade de gênero, como das pessoas trans, das travestis e do movimento queer. As imagens das vitórias cinematográficas, dos guerreiros, das personagens de Clint Eastwood, ou mesmo das guerras reais; dos projetos de família tradicional marcados pela ênfase na figura do pai, do marido; os planos políticos de poder do *pátrio*, no que se constitui como ordem social e todas as imagens naturalizadas a respeito do gênero masculino são fortes influências para que se insista na binaridade de gênero.

A racionalidade heteronormativa parece perceber a ameaça da perda do poder do lugar de hegemonia e reforça essa vontade de produção e manutenção do que se considera verdade como algo indestrutível, cujo sentido é consagrado e deve permanecer materializado como tal. O que parece é que existe talvez uma necessidade de produzir negatividade sobre aquilo que contradiz uma verdade absoluta, o que parece ser contrário à ordem social estabelecida. Por isso se incita o discurso sobre a existência de um perverso, anormal (FOUCAULT, 2001). Compreender e praticar um discurso sobre diversidade de gênero seria dar lugar a uma democratização das performances dos corpos, rever a ideia de anormalidade, mas, mais que isso, rever o pedestal da própria verdade.

Só pode haver certos tipos de sujeitos de conhecimento, certas ordens de verdade, certos domínios de saber a partir de condições políticas



que são o solo em que se formam os sujeitos, os domínios de saber e as relações com a verdade. (FOUCAULT, 2005, p.27)

Portanto, é importante desmistificar o binarismo culturalmente arraigado pela sociedade como prática de existência social. Dizer ser *heterotop* hoje pode ser, portanto, uma identificação de resistente a um lugar de privilégio e conseqüentemente ter cumplicidade com a violência de gênero. Sendo assim, não há possibilidades de se afirmar como hetero cis gênero top e se eximir ao mesmo tempo de tudo que esta condição significa em produção de sentido no mundo.

Outra reflexão importante para nós é sobre o que Foucault chama de princípio de isomorfismo e a síndrome de reforçar ser ativo e rejeitar o que se considera passivo nas relações de poder como nas condições de divisão da sexualidade. “*Quando, no jogo das relações de prazer, desempenhasse o papel de dominado, não se poderia ocupar de maneira válida, o lugar do dominante no jogo da atividade cívica e política*” (FOUCAULT, 2009, p.274). A divisão entre ativo e passivo, base do conceito que organizava a divisão de gênero na Grécia antiga, ainda hoje continua fomentando as desigualdades de gênero mesmo em uma realidade histórica e social completamente distinta. De modo geral, tudo aquilo que é relativo ao gênero visto como subjugado/dominado é representado socialmente sem autonomia de desejos, e, portanto, conseqüentemente, se transforma em vítima de violência. Quando não se tem autonomia de desejo e não se enquadra nos desejos do dominador, não se pode estar vivo. É por esta condição que os projetos de falas ditas masculinistas tentam regular as identidades de gêneros sob o âmbito de vida ou morte, de acordo com os modos que apresentam seus desejos regulados, subjugados e vigiados.

Se a cultura heteronormativa masculinizada contribui para o reforço de padrões e também provoca a brutal afirmação da atividade machista em seu extremo discurso, deixando à margem outros posicionamentos de gênero, podemos perceber que o sistema de normas heterossexuais funciona como um recorte de órgãos sexuais femininos e masculinos os apontando como chave de naturalização dos gêneros e que, conseqüentemente, vão criar naturalizações de todas as nossas práticas culturais que relacionam gênero e sexualidade.

O sistema de sexo-gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou tachados. A (hetero)sexualidade,



longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve reinscrever-se ou reinstaurar-se através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2002, p. 23)

Freud, ao analisar a forma como se organiza e diferencia a formação da sexualidade adulta, diz que apenas após a puberdade pode-se falar em diferenças sexuais entre o masculino e o feminino. Ele afirma, que no processo de diferenciação e passagem da consciência do genital infantil para o adulto se considera apenas um único genital, o masculino. O que está de fato presente como primazia é o falo (FREUD, 1996). Joel Birman afirma que o falo, na teoria de Freud, se apresenta como condição estruturante para o erotismo, estando ambas as sexualidades, masculinas e femininas, determinadas pela identificação do falo (BIRMAN, 2006). Isso se explica na obra *'Introdução ao Narcisismo'*, de 1914, quando Freud se preocupa em construir uma teoria sobre a libido, afirmando que a função libidinal está centrada na função da imagem e que o órgão genital pode ser percebido como originário sob a forma do falo que é simbolicamente codificado, ou seja, não é o pênis em si, mas a idealização dele. O falo, portanto, não pertence a parte alguma do corpo, é "transferível", ao passo que pode ser condicionado a uma transferência erótica na substituição do psíquico para o físico.

Em *'Corpos que Importam'*, Judith Butler critica a regra normativa heterossexual e falocêntrica, na qual se baseia a ideia de que o falo é uma fonte originária do erotismo, pois este não pode de modo algum ocupar um lugar privilegiado central no nosso corpo, como o pênis. Ela faz a abordagem sobre o falo lésbico como uma alternativa para desconstruir essa normatividade. É um exemplo da possibilidade de deslocar o falo como uma figura masculina de poder. Trata-se de uma resignificação simbólica, pois resignificar as relações é também produzir novos sentidos às normas, castrações e tradições, inclusive familiar. Essa questão falocêntrica irá se desdobrar como forma condicionante também nas práticas sociais, sexuais, culturais e políticas, assim como nos processos de castração e resignificação do falo, especialmente dado pelo gênero feminino. Isso ocorre não apenas quando as mulheres conseguem inverter seus papéis sociais com os homens, nos trabalhos, nas lutas por igualdade salarial, ou nas tarefas de casa, mas também quando usam os dildos e as tecnologias como substituição de órgãos sexuais masculinos. Para Butler, quanto mais variadas e imprevistas forem as ocasiões anatômicas para a simbolização



do falo, mais instável e aberto à subversão estará ele. O corpo não existe como forma fixa, como o enxergamos. É incapturável como discurso, mas é uma rede de relações, maculada pela nossa cultura que determina sua identidade e como podemos usá-la (BUTLER, 2019).

Ao tentar se afastar desse lugar heterossexual hegemonicamente normativo, que vive entre a atividade dominante e a passividade subjugada, os *heterotops* ditos do bem estariam procurando um meio termo? Mas qual seria esse meio termo e como exercê-lo? Os brothers Lucas, Eli, Gustavo, Paulo André, Douglas Silva ou Scooby não nos permitiram perceber isso ou pensar nessa condição mesmo quando tiveram atos de grande consideração e afeto com a brother Lina dentro da casa. Poderíamos pensar que ao deixar Lina ganhar a prova de resistência, os três homens heteros que deram a liderança da semana na casa e, conseqüentemente uma imunidade para a brother, estariam tendo um comportamento hétero do bem, mas o corpo de Lina não deixou de ser agredido por comentários do público, especialmente, os fãs de Arthur Aguiar, o mais cotado para vencer o prêmio de um milhão e meio.

*“Eu não aguento ouvir a voz da Lina. Pqp, por favor, só dando um soco nesse traveco.”*

*“O traveco ganhou a prova por caridade. Os 3 patetas foram passear. kkkk.”*

*“Que chacota!”*

*“Quem não ganha é você traveco feio;”*

*“Lina, sua aberração, traveco feio. Deixa o Thurrar...”*

Judith Butler em ‘*Vidas Precárias*’, obra pela qual ela registra mais significativamente a ideia de que, diante das diferenças hierárquicas pelas quais vivem os sujeitos, a partir das condições econômicas, sociais e políticas dos grupos, se configura a existência de sujeitos que vivem de maneira precária, estando sempre ameaçados pela opressão de outros. Portanto, os precarizados são aqueles que não têm reconhecimento social e vivem uma vida passível de lamento e luto, vulneráveis em suas condições destinadas à violência, como é o caso de Lina, portanto. Semanas depois do episódio que lhe deu a liderança, Lina foi para o paredão, no qual entrou em um momento de disputa direta para eliminação da casa com dois homens, um que tem receio de ser



visto como *heterotop*, o Eli, e outro que se orgulha de ser um, o Gustavo. A Lina foi eliminada do Big Brother com 77% de rejeição do público votante.

No início do jogo ela era apontada como favorita por grande parte dos artistas e influenciadores, mas a cantora não foi abraçada pelo público geral, com frequentes ataques transfóbicos e ameaças, os telespectadores se movimentaram desde o início contra a participação dela no programa. O corpo trans autodeclarado travesti em destaque na TV aberta incomodou aqueles que se recusam a aceitar a existência das plurais performances de gênero. O favoritismo de Arthur Aguiar, um homem cisgênero, branco que se encaixa na imagem do hétero “do bem” influenciou a trajetória de Lina no programa, a partir do momento em que eles se posicionaram como rivais no jogo.

O acolhimento que um homem hétero, cis, branco de classe social favorecida recebe nesse tipo de programa de entretenimento é significativo por tudo que falamos anteriormente sobre a construção e materialização de uma verdade performativa de gênero normativa aceitável em contrapartida ao ódio da figura do travesti. Vale ressaltar que Arthur entrou no programa com a pressão de reverter um “cancelamento” causado por ter abandonado sua esposa durante o puerpério e ser flagrado diversas vezes com dezenas de outras mulheres quando a mãe de sua filha estava ainda se recuperando do pós-parto. Na primeira semana na casa, o seu cancelamento já estava completamente revertido, desde que o público perdoou as suas traições, ao se sensibilizar com o ator por ele comer pão, contrariando a esposa que é nutricionista. Apenas isso. Arthur fazia o estilo de um brother fofo, que levava o jogo do programa com tom de sinceridade e praticava gestos de humildade. Fora da casa, Arthur passou a ser visto como vítima dos próprios abusos cometidos contra a sua esposa por conta das performances que escolheu protagonizar no programa. O público logo encontrou uma justificativa pelos erros do ator antes da sua entrada na casa, incluindo a própria esposa, sua maior influenciadora na produção de marketing nas redes sociais.

Trata-se de modo geral de espectadores acolhendo os homens, ou, a imagem da raiz normativa hegemônica patriarcal, ainda que estes reforcem a cultura machista. Para um homem como Arthur Aguiar não é necessário grande esforço para conquistar o público, afinal, ele tem o perfil exato dos corpos que sempre foram enaltecidos e estiveram em posições de superioridade. Para Lina, a competição já se iniciou



desfavorável, além de não ter o apoio da maioria do público, precisou lidar com agressões constantes na casa. A importância da participação da cantora, que diz ser uma *terrorista de gênero* se torna nítida quando as buscas por termos da comunidade LGBTQIA+ e queer crescem de forma significativa a partir de assuntos abordados por ela no programa, quando inspira outros corpos não binários, que fogem da heteronormatividade hegemônica a se expor e serem notados em diferentes espaços que não sejam os já reservados, majoritariamente marginalizados.

Antes de cruzar a porta de saída do BBB22, Lina olhou para as estruturas da casa e afirmou: “*Isso é muito simbólico.*” Os *heterotops* continuam em seus lugares de hegemonia, prestando serviços de violência, disfarçando a sua superestrutura machista e misógina, se questionando sobre sua posição no mundo, mas ao mesmo tempo, a passagem nessa encruzilhada da vida, no trânsito das diversidades performáticas de gênero, estão as travestis que chegam com suas políticas de corpos para subverter as materialidades, verdades e ordens sociais construídas como base de estrutura de um poder dominante masculinizado. A presença de Lina Pereira dos Santos no reality causou desconforto e insegurança aos que rejeitam os corpos estigmatizados, não só os *topzeiras*, mas em todos que puderam e escolheram assistir o programa. Ela contribuiu para a humanização desses corpos para que atuem em diferentes espaços. Mas ao mesmo tempo, esta edição do BBB nos traz uma sensação significativamente contraditória quando nos deparamos com a primeira vez na história do programa em que os finalistas são homens heteros, dentre eles dois negros, com campeão branco cis heterossexual. Embora não haja dúvidas de todo o movimento e transitoriedade de conflitos de gênero na encruzilhada provocada pelas relações dos participantes do programa, percebe-se ainda um reforço expressivo da cultura da masculinidade heteronormativa trocada em miúdos por discursos contraditórios como vimos sobre uma condição *heterotop* do bem que acabou sendo cultuada pela maioria do público votante, o telespectador brasileiro.

## Referências

AMBRA, Pedro. Cartografias da masculinidade. São Paulo, Cult, 2021.



Alpha Men: A Journey into the Manosphere, YouTube, 2021.

BENTO, Berenice. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador. *Áskesis – Revista dos Discentes do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da UFSCar, São Carlos*, v. 4, n. 1, 2015, p. 1-14.

BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. *Natureza Humana, Campinas*, v. 8, n. 1, 2006a, p. 163-180.

BONFIM, Flavia Gaze. A SEXUAÇÃO DO HOMEM NA CONTEMPORANEIDADE: entre o declínio do ideal viril, o feminismo e o feminino. 2021. 223 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

BOURDIEU, P. *La domination masculine*. Paris: Ed. du Seuil, 1998.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

*A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

*Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

*Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2012.

*Le corps en pièces: réponse à Monique David-Ménard*. In: David-Ménard, Monique (Org.). *Sexualités, genres et mélancolie: s’entretenir avec Judith Butler*. Paris: Campagne Première, 2009b, p. 213-218.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015

FASSIN, Eric. *Populismo e Ressentimento*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Nau, 2005.

*A ordem dos discursos*. São Paulo, Loyola, 2002.

*A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

*Os Anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.



FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 77- 108.

Sobre as teorias sexuais das crianças. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 191- 204.

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.

119-229.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras: Revista do Programa de Pós Graduação em Letras, Santa Maria, n° 26, jun. 2003, p. 63-81.

MISKOLCI, R. Batalhas Morais. Política Identitária Na Esfera Pública Técnico-Mediatizada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

NOLASCO, S. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRECIADO, Paul B. Manifiesto contrasexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.



## Am I heterotop? Is this good or bad?": a reflection on BBB 22's masculinities and the interaction with the transvestite Linn da Quebrada.

**ABSTRACT:** The 22nd edition of the TV program Big Brother Brasil problematizes the category of heterotop (slang for proud chauvinist male man) among the contestants, a stigma given to heterosexual people, mostly of male gender. Hence, we saw the opportunity to reflect about the possible constructions and deconstructions of the masculine gender, precisely when the brothers get into confinement with the first cross-dresser to take part in the show. It takes our attention to the possible conflicts between these two worlds: one of those who value and reinforce binarity in gender and one of those who invest in the deconstruction. The aim of this article is to comprehend some of the reasons men, in a recent context as shown on Big Brother Brasil reality show, seem to fear the reference to the heterotop, though at the same time dedicate themselves to the heteronormative culture, reinforcing its existence in certain behaviours which remarks this prominent position in the virile culture. We will also think about the possibilities of gender binarity deconstruction caused by the presence of a cross-dresser woman in the show.

**KEYWORDS:** *Big Brother. Heterotop. Travesti. Linn da Quebrada. Mídia.*

## "¿Soy heterotop? ¿Esto es bueno o malo?": una reflexión sobre las masculinidades de BBB 22 y la interacción con la travesti Linn da Quebrada.

**Resumen:** La 22 edición del programa Gran Hermano Brasil problematiza entre los participantes la categoría de heterotop, un estigma dado a las personas heterosexuales, en su mayoría hombres. A partir de ello, nos encontramos ante la oportunidad de reflexionar sobre posibles construcciones y deconstrucciones del género masculino, precisamente cuando los hermanos ingresan al encierro con la primera travesti en participar del programa. Lo que nos lleva a percibir posibles conflictos entre estos dos mundos: los que valoran y refuerzan la binaridad de género y los que invierten en su deconstrucción. El objetivo de este artículo es comprender algunas razones por las cuales los hombres en un contexto reciente, como muestra la BBB, parecen temer la referencia heterotop, pero al mismo tiempo, se dedican a la cultura heteronormativa, reforzando su existencia. en comportamientos que marcan este lugar de proyección de la cultura viril. También pensaremos en las

posibilidades de deconstruir la binaridad de género provocada por la presencia de una mujer travesti en el programa.

Palabras Claves: *Big Brother. Heterotop. Travesti. Linn da Quebrada. Media.*

**Suis-je hétérotop ? Est-ce bien ou mal ?" : une réflexion sur les masculinités de BBB 22 et l'interaction avec le travesti Linn da Quebrada.**

Résumé: La 22e édition du programme Big Brother Brésil interroge la catégorie des heterotop parmi les participants, une stigmatisation donnée aux personnes hétérosexuelles, majoritairement des hommes. À partir de là, nous nous retrouvons devant l'opportunité de réfléchir aux possibles constructions et déconstructions du genre masculin, précisément au moment où les frères entrent dans l'enfermement avec le premier travesti à participer à l'émission. Ce qui nous amène à percevoir des conflits possibles entre ces deux mondes : ceux qui valorisent et renforcent le binaire de genre et ceux qui investissent dans sa déconstruction. L'objectif de cet article est de comprendre certaines raisons pour lesquelles les hommes dans un contexte récent, comme le montre le BBB, semblent craindre la référence heterotop, mais en même temps, ils s'engagent dans la culture hétéronormative, renforçant son existence. dans des comportements qui marquent ce lieu de projection de la culture masculine. Nous réfléchirons également aux possibilités de déconstruire le binaire genre provoqué par la présence d'une femme travestie dans l'émission.

Mots Clés: *Big Brother. Heterotop. Travesti. Linn da Quebrada. Médias.*

***Danielle Brasiliense***

*Mini-Biografia. Professora Associada do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura UFRJ. Pesquisadora do IDEA/Laboratório de História dos Sistemas do Pensamento e do Núcleo de Estudos e Projetos Comunicacionais (NEPCOM/ECO/UFRJ). Pós-Doutorado na França, Université de Versailles Saint-Quentin de Yvelines no Centre d'Histoire*



**Eu sou heterotop? Isso é bom ou ruim?** Uma reflexão sobre as masculinidades do BBB 22 e o convívio com a travesti Linn da Quebrada.

**278**

*Culturelle des Sociétés Contemporaines. Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura. Graduação em Jornalismo. Coordenadora do Laboratório de Mídia e Violência.*

*Recebido em: 28/02/2023*

*Aprovado em: 27/10/2024*